



ESTADUAL DA PARAÍBA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

FELIPE CAETANO DOS SANTOS

CENSURA MORAL E SEXUALIDADE NO FILME A DAMA DO LOTAÇÃO

**GUARABIRA-PB
2014**

FELIPE CAETANO DOS SANTOS

CENSURA MORAL E SEXUALIDADE NO FILME A DAMA DO LOTAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Profa. Dr^a. Susel de Oliveira da Rosa.

**GUARABIRA-PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237r Santos, Felipe Caetano dos

Resumo no período da ditadura civil militar (1964-1985) foram produzidos uma gama de filmes de cunho pornográficos nesse período em que nosso país passava por um momento de grande [manuscrito] : / Felipe Caetano dos Santos. - 2014.
19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Susel de Oliveira da Rosa, Departamento de
História".

1. Censura. 2. Sexualidade. 3. Ditadura. I. Título.

21. ed. CDD 981

CENSURA MORAL E SEXUALIDADE NO FILME A DAMA DO LOTAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de licenciado em História.

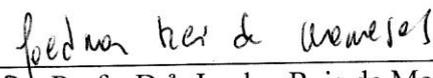
Orientadora: Profa. Dr^a. Susel de Oliveira da Rosa

Aprovada em: 25/11/2014.

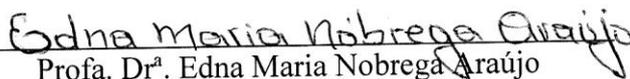
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dr^a. Susel de Oliveira da Rosa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr^a. Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr^a. Edna Maria Nobrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A os meus pais, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À todos que fazem parte da coordenação do curso de História do Campus III - Guarabira, por estarem sempre disponíveis na hora que precisamos. À professora Susel de Oliveira da Rosa pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao meu pai Francisco, a minha mãe Izabel, aos meus irmãos, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares e ao meus exemplos de profissionalismo e de pessoa o professor Arimarques Gonnçalves e a professora Celênia por sempre me incentivarem durante a minha carreira escolar me fazendo seguir aquilo que eu sempre quis fazer que é educar pessoas.

A minhas tias Tereza Caetano de Melo e Maria Caetano dos Santos (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força, pois sempre quiseram esta presente neste momento tão importante na minha vida e infelizmente não conseguiram estar fisicamente presente nesse dia, mas que acredito que estarão presente em espírito

Aos professores do Curso de Graduação da UEPB Campus III - Guarabira, que contribuíram ao longo desses cinco anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa e a todos os funcionários da UEPB Campus III pela dedicação que tiveram conosco quando precisamos e que foram durante esse tempo.

Aos colegas de classe pela amizade e apoio, e pelos momentos de grandes felicidades e compreensão onde passamos cinco anos nos dedicando não só ao estudo mas a uma historia de uma convivência que nos proporcionou amizades para toda vida por fim quero agradecer a todas as pessoas que contribuíram para essa nova conquista na minha vida, conquista essa que é apenas um passo para uma vida profissional de muito sucesso baseada sempre em uma ética profissional que é a base de qualquer profissão.

“E se o estéreo insiste e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá esse status e deverá pagar as sanções” (FOUCAULT, 1988, P.10).

CENSURA MORAL E SEXUALIDADE NO FILME A DAMA DO LOTAÇÃO

SANTOS, Felipe Caetano dos

RESUMO

No período da ditadura civil militar (1964-1985) foram produzidos uma gama de filmes de cunho pornográficos. Nesse período em que nosso país passava por um momento de grande repressão social foi produzido a obra cinematográfica “*A Dama do Lotação*” dirigida por Neville de Almeida e baseada no conto de mesmo título de Nelson Rodrigues. Contudo nosso propósito é fazer uma análise do filme e do conto trabalhando as questões de moralidade, censura e sexualidade apresentadas no mesmo, percebendo como esse discurso é apresentado.

Palavras-Chave: Censura. Sexualidade. Ditadura.

ABSTRACT

During the military dictatorship civil (1964-1985) were produced a range of pornographic nature films. During a period when our country was going through a time of great social repression was produced for film work "The Capacity of the Lady" directed by Neville de Almeida and based on the short story of the same title by Nelson Rodrigues. But our purpose is to make an analysis of the film and the story working questions of morality, censorship and sexuality presented in the same, realizing how this discourse is presented.

Keywords: Censorship. Sexuality. Dictatorship.

INTRODUÇÃO

O cinema é um fenômeno que pode ser compreendido como forma de expressão do indivíduo e tem seu reflexo sobre o seu grupo de convívio. Nesse sentido, o cinema será ação, sobre si e sobre o outro, na perspectiva de movimento que transforma. No Brasil a produção cinematográfica foi de extrema importância para se entender as mudanças políticas e culturais refletindo não apenas a forma particular de desenvolvimento de independência dos países, mas também os interesses de quem estão no poder, como ocorreu durante o período da ditadura civil-militar que foi de 1964 a 1985. No ano de 1969 quando há um endurecimento do regime cria-se a Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes S/A) que junto ao Concine (Conselho Nacional de Censura) criado em 1976 foi de extrema importância para as atividades comerciais. Contudo esses organismos ao serem criados durante a ditadura davam a sensação

de que o governo tinha a intenção de monitorar o cinema, pois como afirma Pinto (2006) à ação da censura “no cinema brasileiro buscou moldar a produção aos projetos políticos do regime” e complementa que “paralelamente a repressão cultural no país, uma inteligente difusão da imagem “democrática” do país é montada” XX. (www.memoriacinebr.com.br).

Durante a ditadura militar no Brasil houve o surgimento de vários movimentos culturais e o cinema não poderia ficar de fora. Foi nesse período que surgiram dois movimentos que marcariam a produção cinematográfica brasileira: O “Cinema Novo” que tinha como preocupação retratar os problemas sociais buscando assim transmitir ao público um sentimento de identidade nacional tornando-se um movimento político que além de abordar questões sociais fazia críticas a exibição de filmes estrangeiros no Brasil. O outro movimento ao qual nos referimos foi o “Cinema Marginal” que apesar de ter surgido dos desdobramentos do Cinema Novo é uma contraposição ao mesmo, surge no final da década de 1960 e início da década de 1970 levando o público a lotar as salas de cinema. Os filmes do “cinema marginal” foram produzidos no espaço urbano da estação da luz, região paulista que ficou conhecida como a “Boca do Lixo” famosa não só por lá estarem localizados escritórios de produtores e diretores e distribuidoras, mas também pelas conhecidas boates e pela prática do meretrício muito comum naquela região.

O filme *A dama da lotação* Baseado no conto de Nelson Rodrigues (1976), se insere nesse cenário do cinema marginal pelo fato de ter como temática o adultério, os apetites sexuais e a violência como características dessa produção. Com base em leituras sobre o “dispositivo da sexualidade” pretendo perceber como essa produção retrata a figura da mulher.

A CENSURA E O “SEXO”

O conceito de censura que está implícito na sociedade atual, advindo da ditadura civil-militar de 1964, nem sempre existiu no Brasil desta forma, no “período pré-golpe, a censura restringe-se a classificar os filmes por faixa etária” (PINTO, 2005). Então o que se podia perceber é que a censura da época era uma forma de classificação etária que não tinha vinculação direta com estado e nem tinha como suas atribuições os cortes nos filmes.

Com o golpe militar “a censura é reorganizada e num primeiro momento assume o papel de ferrenha defensora da moral judaico-cristã” (PINTO, 2005). Criando-se um clima de repressão, mas não unicamente político, mas também em torno do silêncio das práticas sexuais, era então, proibido falar, ou expressar de qualquer outra forma as práticas sexuais

comuns a todos em nossa sociedade. O simples ato de fazer menção a isto num filme, que possuía uma grande difusão nos meios sociais, era uma afronta ao modelo de sociedade moralista que o estado estava querendo instaurar. Conforme observamos na citação abaixo:

No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estereótipo insiste e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá esse status e deverá pagar as sanções. (FOUCAULT, 1988, p.10)

Essa anormalidade citada por Foucault entrava em consonância com a representação sexual cinematográfica de cunho pornográfico. Logo, nos tempos da ditadura não se podia falar de sexo publicamente, muito menos expor isso numa sala de cinema. Expor aquilo que até então deveria ser escondido, restringido, ocultado da sociedade, dos meios públicos, sendo então, o ato sexual trancafiado a sete chaves num cubículo onde não só fica o que é vergonhoso, mas também o que é necessário. Sendo assim a censura era a prática que regulava os discursos sobre aquilo que constrangia o modelo de governo atuante, mas não pela proibição, e sim por meio de discursos úteis, visando fortalecer e aumentar a potência do Estado como um todo. Com isso vetava formas de expressão que pudessem ferir este modelo à conduta e a moral da sociedade, tornando-se a principal “ferramenta de defesa” contra os insultos à mesma. A mutilação dos conteúdos dos filmes é frequentemente obra pura e simples da censura política, ou o que podemos chamar de censura das “obscenidades”, isto é, uma censura pelas instituições no caso o Regime Militar. Contudo essa censura era reforçada por outra a ideológica e moral (ou imoral?) que provem não mais das instituições, mas da própria sociedade, sociedade está, que apesar de ser aparentemente repressora desse tipo produção filmográfica era a mesma que a consumia.

Mesmo com todos esses mecanismos de repressão, o cinema pornográfico estava sempre a apresentar novas criações e o público as apreciava em demasia, a sua maneira, este gênero passou a ganhar espaço, a adquirir sua territorialidade em meio aos demais gêneros cinematográficos. Sendo assim,

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, a inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura.(FOUCAULT, 1988, P.12)

Apesar desta conquista lenta e gradual de espaço o cinema pornográfico ainda haveria de galgar vários degraus para ser aceito na sociedade e diríamos que mesmo hoje este gênero de filme ainda é vítima de um silêncio das pessoas enquanto opinião formada em relação a tal forma de se fazer cinema. E o que seria pornografia? Segundo ABREU (1996) A palavra pornografia origina-se do grego pornographos, que significa “escrito sobre prostitutas”. Para a censura a pornografia não estava estrita apenas a penetração na hora do ato sexual, mas a aparição de qualquer parte do corpo que pudesse excitar a imaginação dos espectadores como, por exemplo, a aparição de uma parte do seio.

O filme “A dama do lotação” (1976) dirigido por Neville de Almeida e baseado no conto de Nelson Rodrigues, conta a história de uma mulher que após uma núpcia traumática passa a se relacionar sexualmente com parceiros diversos encontrados nas lotações (transporte coletivo). O filme apresenta, a sua maneira, várias formas de agressão à instituição familiar, ao nos apresentar uma adúltera como protagonista, além de várias situações inusitadas de sexo. A personagem, visivelmente traumatizada passa a ter uma aversão ao marido, buscando relacionar-se com desconhecidos.

Incrivelmente o filme em questão, mesmo possuindo muitas cenas de sexo, onde os personagens aparecem completamente nus, teve apenas sete cortes, sendo que originalmente haveria setenta, deste modo foi liberado para ser exibido nos cinemas de todo Brasil. Garantindo uma enorme repercussão entre o meio social, o filme que foi um sucesso de bilheteria, recebeu críticas positivas e negativas. Até mesmo causando a indignação da cidadã Amea Carvalho, que escreve uma carta ao “então Ministro da Justiça, o Senhor Armando Ribeiro Falcão”(CALISSI, LIMA, 2009). Indignada e constrangida com o conteúdo do filme, a senhora em um ato inusitado e até certo ponto surpreendente, expressa suas concepções a cerca do filme nesta carta:

Estou com tanta revolta dentro do meu coração que não resisti à vontade de lhe escrever. Será meu Deus que o mundo está realmente perdido, que nada mais tem valor, tem sentido, tem amor. Não Sr. Ministro alguém tem que zelar pela juventude, pelos princípios que norteiam a moral e o bem estar social.

Podemos então através do fragmento da carta acima citado perceber a tamanha revolta da Sra. Amea Carvalho. Embora as características percebidas pela mulher, também tenham sido ressaltadas no parecer de número 667/78

Em todo desenrolar, a película explora situações que envolvem lesbianismo, nudez, e sucessivos relacionamentos íntimos, com riquezas de detalhe. Enfatiza

prociualmente, os aspectos grotescos, chocantes e insólitos de comportamento da personagem central, evidenciando-se em algumas passagens simples apelo ao erotismo.

Deste modo, a nossa pesquisa, através da análise desta documentação, revela uma possível moralidade que se estende a uma parte conservadora da camada social da época, fazendo com que o processo de censura não seja algo que se dê apenas por parte dos militares, mas através do conservadorismo de uma esfera social da época que se via ultrajada diante de tal trama. A carta da Senhora Amea Carvalhal citada a cima não é uma cobrança para que o estado mantenha a ordem política, mas sim para que mantenha engavetado tudo isto que considera amoral e que fere a ordem estabelecida, que silencia as práticas sexuais restringidas às quatro paredes de seus quartos, a sociedade no pensamento conservador de uma minoria neste ímpeto deveria permanecer contida, quer também permanecer passiva, sexualmente, socialmente e politicamente.

Paradoxalmente ao mesmo tempo em que o sexo é reprimido, trancafiado em quadro paredes, não se para de suscitar, de consumir “o sexo”! Como explicar esse paradoxo? Vivemos hoje em um mundo que a todo instante procura enfatizar o discurso do sexo ou da sexualidade buscando assim definir o sexo como dispositivo que institui e destitui identidades como enfatiza SWAIN (2008) no seu artigo “Entre a vida e a morte, o sexo” para a mesma este dispositivo, dita comportamentos, valores, condutas, inclusão social e pertencimento.

A DAMA DO LOTAÇÃO: O CONTO E O FILME.

O conto “*A Dama do Lotação*” de Nelson Rodrigues que de início foi publicado na Coluna Diária “A vida como ela é” no Jornal Última Hora (1951 a 1961) estrutura-se em cinco partes. A primeira a personagem Carlinhos desabafa com o pai a desconfiança que passa a ter da esposa após saber de comentários sobre a mesma e que ela estaria mudada e já não era mais a mesma. A segunda parte intitulada “A Suspeita” o autor faz um breve comentário do caráter social dos personagens principais ambos de ótima família e o que se dizia da personagem Solange era que a mesma era um amor, um ser extraterreno longe de qualquer suspeita. Contudo na mesma noite que Carlinhos desabafa com o pai a desconfiança que sentia da mulher coincidiu de ir jantar com o casal um amigo de infância de ambos. No meio do jantar, ao cair o guardanapo de Carlinhos o mesmo abaixa-se para apanhar e se depara com a cena da mulher trocando caricias com os pés com o convidado, confirmando assim a suspeita que o mesmo tinha da esposa. Na terceira parte denominada

pelo autor como “A certeza” o mesmo confirma a desconfiança da suspeita de Carlinhos após encontrar a personagem de Assunção - colega de infância - que revela ter encontrado com Solange no lotação após pressionar a mulher e revelar que já sabia da traição a mesma revela que teria não só um amante, mas vários. Na quarta parte do conto após ouvir da mulher o relato das traições que a mesma vinha cometendo com ele sem mesmo ter condições de expressar sua raiva declara-se naquele momento morto para o mundo. Na quinta e última parte Carlinhos após entrar no quarto veste o paletó, deita na cama e cruza suas mãos. Solange após uma tentativa de dizer ao marido que o jantar estava na mesa e ouvir mais uma vez que o mesmo declarava-se morto para o mundo, volta-se pede a empregada para dispensar o jantar e volta para velar o marido vivo. No outro dia depois da sua saída para o seu passei de lotação volta para continuar velando seu marido.

No ano de 1976, ano em que o Brasil vivia a ditadura militar é lançado à versão cinematográfica do conto que recebe o mesmo título “*A Dama do Lotação*”. O filme dirigido por Neville de Almeida tendo como elenco: Sônia Braga, Nuno Leal Maia, Jorge Doria, Marcia Rodrigues, Paulo Cesar Pereiro, Cláudio Marzo, Roberto Bonfim e Iara Amaral tem duração de 111 minutos. Pelo fato do filme ser tão extenso, pois, se comparado com o texto que contém apenas sete páginas e dividido em cinco partes o cineasta contou com a participação direta do próprio Nelson Rodrigues na elaboração do roteiro. O filme tornou-se um dos maiores sucessos de bilheteria do cinema nacional como enfatiza a manchete do Jornal do Brasil publicada em 30/04/1978 com o título que dizia “Esta dama acaba de derrotar o tubarão, superar o King-Kong e vencer a guerra nas estrelas”. A seguir a reportagem descrevia:

Recorde absoluto de público de Manaus a Porto Alegre, “A DAMA DO LOTAÇÃO” é comprovadamente o maior sucesso de lançamento já ocorrido no Brasil: 32 milhões de cruzeiros e mais de 2 milhões de espectadores em apenas duas semanas. Fique por dentro deste fenômeno, “A DAMA DO LOTAÇÃO” espera por você nos 80 melhores cinemas do Brasil. (Jornal do Brasil, 30/04/1978).

O filme repercutiu na mídia de todo Brasil recebendo críticas positivas e negativas como podemos ver na reportagem do Jornal: Folha de São Paulo de 29/04/1978:

Se “Dama do Lotação” quis despertar a sexualidade do público, então o efeito saiu pela culatra. Digo por mim. Depois de ver o filme me deu vontade de ser seminarista, um monge, um asceta, um anacoreta. Tal como a “Sex Life” que os cosméticos e as psicoterapias de hoje promovem, há nesse filme a dissexualização do sexo. Me lembra a definição do obsceno: a carne que sobra. Nesse sentido, Sônia Braga me pareceu uma vó de pijama. Um horror. O obsceno nasceu aqui do excesso

do instinto sexual sobre a genitalidade, da qual recebe força e prestígio. (Folha de São Paulo, 29/04/1978).

O filme retrata a história de uma Solange (Sônia Braga) que após ser violentada pelo marido Carlinhos (Nuno Leal Maia) na sua noite de núpcias entra em uma crise existencial e com isso entra em uma busca desesperada pelo prazer erótico. Os amantes são desconhecidos encontrados nas ruas, em frequentes passeios as tardes e na sua grande maioria nas lotações transporte coletiva muito utilizada na época. Ninguém escapa do seu desejo ardente de realização sexual nem mesmo o sogro (Jorge Dória) confidente e companheiro do filho. Cenas de violência contra a personagem como estupro e cenas de esbofeteamento são uma das marcas registradas de Nelson Rodrigues deixando-nos a entender que para o mesmo todas as mulheres gostam de apanhar. Ou melhor, nem todas somente as “normais” são retratadas de maneira comum no filme. Com isso podemos perceber no filme a mulher como ser passivo de dominação tendo seu corpo como eixo da sua existência social objeto a ser usado, humilhado e ironizado como comenta SWAIN:

No sexo, portanto, o destino biológico naturalizado das mulheres enquanto mulheres, como mães, na sexualidade como orifícios a serem usados, objetos de prazer, sobretudo, de poder, o poder de determinar, de dirigir, de humilhar, de ironizar, de inferiorizar, de possuir, de violentar, de controlar, de comprar, de traficar. (SWAIN, 2008, p.06)

E enfatiza:

Neste sentido, a prostituição e o estupro, a violência doméstica que povoam o cotidiano das mulheres condensam o poder masculino sobre os corpos femininos, reproduzindo, em seu medo ou aviltamento a sexualidade na violência, o poder ligado ao sexo. (SWAIN, P. 06)

O autor trata a violência sofrida pela personagem ao ser violentada pelo marido na primeira noite matrimonial como comum uma coisa superficial dando ênfase ao furor sexual da personagem deixando a entender a maneira de ser de Solange. Traindo o marido a mesma busca em seus amantes uma vingança não só contra o abuso sofrido, mas também a opressão que o matrimônio a impôs buscando através da traição continuar ser fiel ao marido, pois ao voltar pra casa voltaria a ser a esposa amorosa, dedicada a casa e ao esposo enfatizando assim a que SWAIN chama de dispositivo Amoroso:

Poder-se-ia seguir sua genealogia nos discursos filosóficos, religiosos, científicos, das tradições, do senso comum – que instituem a imagem da “verdadeira mulher”, e repetem incansavelmente suas qualidades e deveres: doce, amável, devotada

(incapaz, fútil, irracional, todas iguais!) e, sobretudo, amorosa. Amorosa de seu marido, de seus filhos, de sua família, além de todo limite, de toda expressão de si. (SWAIN, 2008, p. 10)

Dessa forma a mulher nesse caso nasceria para o amor, prontas para sacrificar sua vida pela família mostrando a sociedade o exemplo de mulher a ser seguido. Nesse sentido o feminino se opõe ao masculino na medida em que esses discursos se constroem em uma determinada sociedade. O que faz a mulher ser mulher numa dada sociedade, num determinado tempo são as condições históricas, sociais e políticas as quais estão submetidas. No caso da obra “*A Dama do Lotação*”, percebemos o ato nomear e definir, identificar e classificar uma heterossexualidade vigente masculino e feminino. Desse modo podemos perceber que a sociedade da época rotulava as mulheres através do maniqueísmo tendo as oposições o bem e o mal como modelo certo ou errado, puritanas e levianas.

O que podemos perceber na obra de Nelson Rodrigues é a rotulação dos lugares sociais onde o que define é a sexualidade. A mulher como o centro das atenções mostrando aquilo que ela já mais pode ser na sociedade definindo-a então como um ser que ao mesmo tempo em que é frágil pode ser leviano e o que determina isso é uma moralidade hipócrita que se define mesmo sem saber, pelo gênero que as pessoas estão predestinadas a ser e se define por aquilo que eles acham certo. Entretanto, as personagens femininas pensadas pelo autor habitam o entrelugar do discurso e da prática social, pois ao passo que representam esse imaginário da submissão e da resignação dos desejos sexuais masculinos, elas também desejam e realizam tais desejos.

Diante disso a obra cinematográfica em questão nos leva a pensar esse discurso da sexualidade e desse espaço social definido pelas questões de gênero levando-nos a uma reflexão de como esse discurso foi construído na nossa sociedade dentro do processo histórico e cultural que é enfatizado ainda hoje.

CONCLUSÃO

Nesse trabalho o que nos motivou foi à forma de representação do papel feminino na nossa sociedade no período da Ditadura no Brasil tendo como objeto de estudo a produção cinematográfica a “*Dama do Lotação*” observando a partir dos estereótipos sociais submetidos a partir do olhar “masculinizado” da sociedade da época. Esse olhar permitiu repensar as

maneiras como definimos os papéis e as categorias constitutivas das relações sociais, por meio do dispositivo sexual.

A construção da identidade feminina, evidenciada a partir dos Estudos Culturais de Gênero, está relacionada à recodificação do papel desempenhado pela mulher tanto no universo público quanto no privado, numa época em que os paradigmas estão se transformando, inviabilizando a permanência dos modelos tradicionais. Um dos méritos dessa transformação é tornar visíveis os preconceitos e estereótipos veiculados pela cultura dominante e, especialmente, pelo cinema. Dentro dessa perspectiva, proceder-se-á a uma leitura da obra *A Dama do Lotação*, de Neville baseada na obra de Nelson Rodrigues, com a finalidade de verificar em que medida são confirmados ou subvertidos os preconceitos e estereótipos de gênero vigentes, na representação da personagem feminina em obra escrita e adaptada para o cinema. Contudo tentamos buscar na análise desta obra as representações das imagens do feminino, do masculino, do casamento e do amor que essa história apresentava e a sua relação com os discursos de delimitação dos papéis sociais de homens e de mulheres desse período

REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô: A representação do obsceno no cinema e no vídeo**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

CALISSI, Luciana, LIMA, Carlos Adriano Ferreira de. **Moral e os bons costumes ficam? Censura, ditadura militar e pornografia em “A Dama do Lotação”**. I Encontro de Fontes Históricas. Campina Grande. UFCG: 2009.

FERRO, Marc. **Cinema e História**; tradução de Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 13ª ed; 1999.

MATOS, Sérgio Augusto Soares. **A História da televisão brasileira: Uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 4ª ed., 2009.

PINTO, Leonor E. de Sousa. **(Des) caminhos da censura do cinema brasileiro: od anos de ditadura**. Disponível em: www.memoriacinebr.com.br/ acesso em 29/10/2014.

_____. **O cinema brasileiro face a censura imposta pelo regime militar no Brasil – 1964/1988**. Disponível em: www.memoriacinebr.com.br/ acesso em 29/10/2014.

SOARES, Mariza de Carvalho. **A História vai ao Cinema**/Mariza Carvalho Soares, Jorge Ferreira.-Rio de Janeiro: Record, 2001.

SWAIN, Tânia Navarro. **Entre a Vida e a Morte, O Sexo**. In: A Construção dos Corpos. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

RODRIGUE, Nelson, 1912-1980. A vida como ela é: O homem e outros contos: seleção Ruy Castro, São Paulo. Companhia das Letras, 1992.